

MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

LITERACY METHODS IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS: THEORETICAL PERSPECTIVES AND PEDAGOGICAL IMPLICATIONS

Rianne Vanessa Formiga Guedes Galvão¹

Richelly Lainara Jerônimo Figueiredo²

Wanessa Ramilly de Medeiros Soares³

Jéssika Melo de Souza Paz⁴

RESUMO: O letramento em si, uma jornada intrincada, engloba não apenas os aspectos linguísticos e cognitivos, mas também as dimensões sociais e culturais, indo muito além da simples memorização de letras. Assim, o presente artigo se propõe a analisar diferentes abordagens de alfabetização, historicamente consolidadas na educação brasileira, discutindo seus fundamentos, métodos de ensino, contribuições e limitações, ancorado em referenciais de autores proeminentes como: Soares, Ferreiro, Vygotsky, Freire, Moll e Mortatti. Esse suporte teórico aprofunda o entendimento sobre os processos de aprendizado infantil e a influência decisiva do professor no desenvolvimento da leitura e escrita. Igualmente, fica evidenciado que nenhuma metodologia isolada consegue contemplar a vasta gama de práticas encontradas nas escolas. Em essência, a alfabetização demanda estratégias pedagógicas coesivas, pertinentes ao cenário e com forte embasamento em dados científicos, que considerem o aluno em sua totalidade e a escrita como uma prática social.

1

Palavras-chave: Alfabetização. Métodos de ensino. Aprendizado infantil. Leitura e escrita. Estratégias pedagógicas.

ABSTRACT: Literacy acquisition an intricate journey encompasses not only linguistic and cognitive aspects but also social and cultural dimensions, extending far beyond the mere memorization of letters. Thus, this article analyzes various literacy approaches historically established in Brazilian education, discussing their foundations, teaching methods, contributions, and limitations, while drawing upon the work of prominent authors such as Soares, Ferreiro, Vygotsky, Freire, Moll, and Mortatti. This theoretical framework deepens the understanding of children's learning processes and the teacher's decisive influence on the development of reading and writing skills. It also becomes evident that no single methodology can encompass the vast array of practices found in schools. In essence, literacy education requires cohesive pedagogical strategies tailored to the specific context and grounded in scientific evidence that consider the student holistically and view writing as a social practice.

Keywords: Literacy. Teaching methods. Child learning. Reading and writing. Pedagogical strategies.

¹Mestrado em educação – Professora, neuropsicopedagoga e coordenadora pedagógica. Christian Business School (mestrado) / Neuropsicopedagoga no Núcleo de Desenvolvimento Infantil da rede municipal de Patos- PB e Coordenadora Pedagógica na rede Municipal em Quixaba-PB

²Pós-graduada em psicopedagogia clínica e institucional / professora na rede municipal de ensino dos anos iniciais. unifip / professora na escola municipal Cícero Sulpino dos Santos.

³Pedagogia / gestora escolar, unopar / creche municipal.

⁴Neuropsicopedagoga clínica e institucional.

I INTRODUÇÃO

A alfabetização ocupa um lugar proeminente na pesquisa educacional, particularmente nos estágios primordiais do Ensino Fundamental. Por longos períodos, intelectuais e educadores têm procurado diligentemente desvendar o método mais eficaz para a alfabetização (Cagliari, 2009; Carvalho, 2010).

Contudo, Mortatti (2019) afirma que progressos teóricos nos domínios da psicogênese, linguística e pedagogia demonstram que a alfabetização vai muito além da mera aplicação de um método singular. Abordar este tópico exige a compreensão de que a aquisição da língua escrita está intrinsecamente ligada a processos intrincados, onde a criança elabora conjecturas, decodifica dado e forja compreensões.

A questão científica que direciona esta investigação é como as variadas metodologias de alfabetização dialogam com as perspectivas atuais de aprendizado, e quais os efeitos dessas estratégias na instrução da leitura e da escrita? O apoio para tal justificativa surge da crença que a alfabetização é um direito inalienável, e os desafios enfrentados pelas instituições de ensino brasileiras tornam imperativa a análise cuidadosa das metodologias empregadas. Frequentemente, profissionais são levados a optar entre metodologias opostas, ignorando a complexidade intrínseca ao processo. Portanto, a exploração aprofundada da discussão teórica se torna essencial para o aprimoramento da atuação pedagógica.

2

Este artigo tem como objetivo: analisar nas metodologias de letramento mais notáveis e em como elas moldam o desenvolvimento da leitura e da escrita. Para isso, definem-se as seguintes metas específicas: primeiro, entender o que estudiosos renomados entendem por letramento; segundo, explicar as características peculiares dos métodos sintéticos e analíticos; terceiro, juntar as contribuições das perspectivas construtivistas e socioculturais; quarto, examinar o papel do professor em fazer a aquisição de conhecimento mais fácil; e quinto, pensar sobre os desafios e as chances que a alfabetização enfrenta hoje.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A alfabetização como processo multifacetado

Alfabetização figura entre os assuntos mais debatidos na área educacional brasileira, tanto por sua patente importância social quanto pela miríade de perspectivas que a moldam. A trajetória da alfabetização escolar manifesta sua faceta mais saliente nas contendas metodológicas, as quais suscitaram vigorosos embates acerca de postulados antigos e atuais para idêntica indagação (Mortatti, 2019, p. 28).

Este não é um mero tramite técnico, confinado ao domínio de códigos; ele abraça imbricações cognitivas, culturais, linguísticas, sociais e históricas. De acordo com Soares (2008), alfabetizar implica a apreensão do sistema de escrita, assimilando as conexões entre sons, grafemas e significados. A referida autora preconiza a distinção entre alfabetização e simples decodificação, advogando que a compreensão se faça presente em cada fase do desenvolvimento.

Tal natureza polissêmica elucida a razão pela qual, ao longo dos anos, diversas teorias se sucederam na tentativa de desvelar como os infantes se apropriam da linguagem escrita. A alfabetização, assim, demanda ser apreendida como um fenômeno que entrelaça vieses linguísticos, cognitivos e sociais, o que justifica a proliferação de tratamentos pedagógicos encontrados na produção científica educacional. E impraticável discerni-la sem levar em conta as disparidades de acesso, os cenários familiares e as vivências de letramento que os discentes portam (Ferreiro, 1991, apud Lima, 2019, p. 15-27).

2.2 A psicogênese da língua escrita

A partir da década de 1980, o cenário brasileiro foi profundamente influenciado pelos estudos de Ferreiro (1991, apud Carvalho, 2002, p. 22) que investigaram como as crianças constroem hipóteses sobre a escrita. Seus trabalhos mostraram que os estudantes não aprendem de forma passiva; eles interpretam o que veem, formulam explicações e reorganizam suas ideias conforme são desafiados. Essa visão marcou uma ruptura com práticas tradicionais, ao evidenciar que erros não representam falhas, mas etapas do desenvolvimento.

Professores passaram a observar com mais atenção o raciocínio das crianças, entendendo que cada avanço depende da interação entre pensamento e experiência. Essa compreensão continua presente nas diretrizes curriculares brasileiras, que defendem a alfabetização como construção ativa do conhecimento. A criança percorre níveis pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético que refletem sua compreensão progressiva sobre a natureza da representação escrita (Cagliari, 2009).

2.3 A perspectiva sociocultural e a mediação

Vygotsky (1998, apud Mortatti, 2006, p. 29) ela introduz uma ótica capital à discussão. Segundo essa estudiosa, o florescer das aptidões cognitivas superiores é acelerado pelo convívio social e pela assistência de pessoas mais experientes. No que diz respeito à alfabetização, isto quer dizer que o aprendizado de competências não deriva apenas da prontidão individual, mas sim da qualidade das estratégias pedagógicas. A noção de zona de desenvolvimento proximal

salienta que o professor precisa propor tarefas realizáveis, capazes de levar o aluno a níveis de compreensão mais profundos.

Essa visão promove abordagens mais dinâmicas, que se alicerçam na troca de ideias e no acompanhamento constante do percurso de cada discente. Em virtude disso, a alfabetização abandona o caráter isolado para se transformar numa jornada compartilhada. O papel do docente é o de um mediador, que fornece o amparo material e intelectual para que o aprendiz alcance novos patamares de conhecimento linguístico e social (Carvalho, 2010).

2.4 Paulo Freire e a leitura do mundo

Paulo Freire (2006) amplia ainda mais o entendimento da alfabetização ao afirmar que ler e escrever não são apenas habilidades acadêmicas, mas formas de se relacionar com a realidade. A leitura da palavra, segundo ele, só se concretiza plenamente quando articulada à leitura do mundo. Isso coloca o estudante no centro do processo e valoriza sua experiência, seu contexto e suas referências culturais. Essa abordagem freiriana é uma crítica direta a métodos que isolam a língua escrita do cotidiano, propondo uma alfabetização que cumpra também um papel emancipador.

2.5 Métodos de alfabetização: evolução histórica

A jornada da alfabetização no Brasil desdobra-se em épocas de aceite e resistência a diferentes métodos. Mortatti (2019) descreve estes fluxos como frutos de disputas políticas, culturais e intelectuais. "As técnicas de alfabetização se dividem em duas correntes principais: sintética e analítica, seguindo o caminho pedagógico, do 'menor' para o 'maior' ou o inverso, respectivamente."

Dentre os métodos mais conhecidos estão os sintéticos (alfabético, fonético e silábico) e os analíticos (palavra, frase e global). As abordagens sintéticas começam pelo ensino das unidades menores, já as analíticas surgem como contraponto à mecanização excessiva, trazendo textos e contextos de comunicação reais desde o início (Mortatti, 2019, p. 32).

Pesquisadores como Moll (2009) enfatizam que alfabetizar vai além de apenas escolher um método, envolve a criação de situações que liguem a criança à escrita de forma significativa. Essa visão defende que o aluno aprende ao ser incentivado a pensar, ao interagir com textos autênticos e ao encontrar sentido nos exercícios planejados. "A alfabetização não é somente uma questão de didática ou método; ela está conectada a elementos sociais, políticos e culturais." (Mortatti, 2019, p. 16).

2.6 Características dos métodos

Os métodos de alfabetização são ferramentas que conduzem o trabalho pedagógico do professor. Segundo Soares (2018, p.16), “[...] método de alfabetização é um conjunto de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios orientam a aprendizagem inicial da leitura e da escrita, o que comumente se denomina alfabetização”.

A Autora Isabel Frade Comenta sobre a importância dos métodos:

No que tange aos métodos sintéticos, eles seguem uma abordagem que caminha do singular rumo ao plural. Durante a execução desses métodos, escolhem-se princípios de ordenação específicos, capazes de impulsionar a criação de imagens visuais e suas vinculações com sons. Essa diversidade de perspectivas abrange desde o método alfabético, no qual a letra é erguida a elemento basilar; passando pelo método fônico, que postula o fonema como sua unidade mais importante; até o método silábico, o qual opta por um bloco fonológico mais rudimentar para a formação, a sílaba. Em resumo, é a opção por um sistema específico para organizar os nexos entre sons e grafias, seja ela a letra, o fonema ou mesmo a sílaba, que delimita o foco das investigações acerca de correspondências fonográficas (Frade, 2007, p. 22).

Diante do exposto, compreende-se que o método alfabético apresenta as partes que condizem à escrita das letras do alfabeto, que ao se juntarem formarão sílabas que se transformarão em palavras. Nesse processo, a criança deve aprender o alfabeto e seu funcionamento. O método fônico tem como princípio ensinar a relação entre sons e letras, fala e escrita, respeitando uma sequência desde relações diretas até mais complexas. O método silábico baseia-se na análise das sílabas, organizando uma sequência que vai das mais simples às mais complexas, permitindo ao aluno construir novas palavras.

Frade (2005) destaca ainda o método Paulo Freire, de caráter silábico, que prioriza o sentido e a compreensão crítica do mundo. Os métodos analíticos partem do todo para as partes, utilizando palavras, frases ou textos como unidade de análise, valorizando a compreensão e o significado.

2.7 O papel do professor e das práticas pedagógicas

Ao educador cabe a missão de investigar metodologias que tornem a adaptação e instrução infantis mais fáceis, alavancando assim seu desempenho acadêmico. Em relação às práticas educacionais, torna-se mais proveitoso se o docente buscar formação especializada para atuar na alfabetização.

O autor Luis Carlos Cagliari, explica sobre como a alfabetização pode florescer no aprendizado:

Para que a alfabetização floresça, é fundamental que o educador esteja sempre aprimorando seus métodos de ensino, considerando que o processo alfabetizador, envolve muitos aspectos; quanto mais o professor entender a absorção de conhecimentos, o

desenvolvimento emocional da criança, a sua interação social, a natureza da linguagem no contexto da alfabetização, maior a probabilidade dele guiar o aprendizado de forma agradável e eficaz, livre de dificuldades comuns (Cagliari, 2009, p. 6).

Na construção do processo ensino aprendizagem, o professor é visto como figura central, responsável primordial pelo aprendizado dos alunos. Carvalho (2010, p. 67) ressalta a importância de se considerar o conceito de leitura e de leitor, a relação entre letras e sons, e a promoção da leitura. A atuação do professor inclui também a criação de ambientes propícios à alfabetização, usando materiais diversos e oferecendo textos reais.

3. METODOLOGIA

Nesta pesquisa se adotou uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa. Visa a examinar as principais teorias que abordam métodos de alfabetização e quais os impactos destes no processo de ensino-aprendizagem. Essa escolha metodológica tem como mérito possibilitar a coleta, a interpretação e o debate de saberes sobre o tema, proporcionando uma apreciação crítica das distintas bases teóricas à disposição (Marconi; Lakatos, 2010).

O levantamento do material bibliográfico foi concretizado mediante pesquisa em livros, artigos científicos, dissertações e documentos oficiais que se encontram em bases de dados de renome. Exemplos dessas bases de dados abarcam SciELO, Google Acadêmico, Portal de Periódicos da CAPES e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações BDTD. Ademais, incluíram-se documentos normativos do Ministério da Educação que se referem à alfabetização no ensino básico.

A seleção dos materiais primou-se pela sua relevância científica, contemporaneidade e pela capacidade de contribuir para a apreensão dos métodos de alfabetização. Abarcaram-se autores consagrados e pesquisadores da atualidade. Ferreiro (1991), Soares (2008), Frade (2007) e Mortatti (2019) conta-se entre os principais autores com alta estima na literatura educacional brasileira.

A análise dos dados se efetuou por meio de leitura exploratória, seletiva e interpretativa das produções. Logo depois, as informações foram agrupadas em categorias temáticas. Este percurso permitiu identificar semelhanças e contrastes entre os variados métodos de alfabetização, bem como suas repercussões na prática pedagógica do contexto escolar atual.

Por fim, a interpretação dos achados se alicerçou em análise descritiva e crítica da produção literária. A intenção foi ligar os princípios teóricos às demandas atuais da alfabetização. Dessa forma, a pesquisa se propôs a expor os pontos fortes e fragilidades de

diversas abordagens metodológicas, fornecendo base para uma reflexão sobre práticas de ensino que se ajustam melhor ao contexto e às demandas dos aprendizes.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Ao analisar as diferentes metodologias de letramento, fica bem claro que cada ponto de vista, embora útil para ajudar, por si só, não dá conta de toda a complexidade desse processo. As formas sintéticas se concentram em mostrar as relações entre os sons e as letras, enquanto as analíticas dão ao aluno um vislumbre das experiências sociais com a leitura. Porém, quando aplicados de um jeito muito rígido, os dois métodos de ensinar mostram fraquezas.

A revisão da literatura indica que funciona melhor quando se combinam atividades de percepção de sons, leitura de textos reais, escrita livre e ensinamentos claros. A discussão atual mostra que é preciso ir além de escolher entre o "método fônico" e o "construtivismo". A proposta é construir um sistema de alfabetização que inclua a percepção da fala, sem deixar de lado a capacidade de ler e escrever.

O trabalho do professor se mostra como o ponto mais importante para um bom processo, que ajusta o jeito de ensinar conforme precisa. Métodos que são ensinados como se fossem a única verdade, usados sempre na mesma maneira, muitas vezes dão errado, pois não levam em conta as diferenças de cada pessoa e situação.

7

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação elucidou a alfabetização, que um processo multifacetado, intrincado e em constante evolução, moldado por um espectro de influências históricas, sociais, culturais e pedagógicas. A incursão na literatura revelou a ausência de uma metodologia singular e universalmente eficaz, haja vista que o aprendizado individual manifesta-se de maneira distintiva, sujeita às particularidades do ambiente escolar e aos atributos dos educandos.

As pesquisas de Soares, Emilia Ferreiro, Vygotsky, Paulo Freire, Jaqueline Moll e Rosário Mortatti atestam que a alfabetização transcende a mera aquisição do sistema alfabético da escrita. A capacidade de ler e escrever engloba a edificação do saber, a interação interpessoal, a orientação do professor e o engajamento dos alunos em atividades de leitura e escrita com relevância, disseminadas em variados ambientes sociais.

Ademais, constatou-se que as abordagens de alfabetização refletem diversas visões sobre ensino e aprendizado, gestadas ao longo do percurso educacional. Não obstante suas especificidades, tais métodos oferecem aportes valiosos à organização das práticas pedagógicas,

quando empregados de maneira ponderada, ajustada ao contexto e conectada às demandas discentes.

Nesta conjuntura, o docente assume uma posição preponderante qual mediador do percurso de aprendizado. A este profissional compete delinear táticas didáticas que amplifiquem a aprendizagem, acolham a cadência evolutiva dos alunos e incentivem situações que promovam o raciocínio, a independência e a aplicação social da escrita.

Subsidiariamente, a pesquisa bibliográfica corrobora que práticas didáticas sustentadas por provas científicas elevam o significado da alfabetização. O emprego de recursos educativos variados, em conjunto com o aprimoramento constante do magistério e o reconhecimento das vivências dos estudantes, robustecem o desenvolvimento de habilidades leitoras e escritoras.

Infere-se, deste modo, que a apreensão dos métodos de alfabetização demanda um escrutínio que articule facetas históricas, teóricas e pedagógicas. Essa compreensão expande os horizontes de intervenção pedagógica e é propícia ao aprimoramento de metodologias de ensino, resultando em um processo de letramento que privilegia a assimilação de conteúdo, a integração de todos e a constituição reflexiva dos alunos.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo. Ed. Scipione, 2009.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar para quê?** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 7. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010, p. 22. Disponível em http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idi_nsc_rito_101_cc5184d6d9e54ff6989cf11c146e12db.pdf> Acesso: jan. 2026.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais**. Artigo Científico. 2007. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista>. Acesso em: jan. 2026.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

LIMA, Danielle Saraiva Ferreira. **LETRAMENTO, ALFABETIZAÇÃO E OS MÉTODOS GLOBAIS: impressões dos saberes e práticas docentes e suas implicações na aprendizagem da leitura e escrita de crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. São Luis. 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil. Conferência apresentada no Seminário Alfabetização e Letramento em Debate. Brasília:

MEC/Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf.

MOLL, Luís C. **Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MARCONI, Marina. A; LAKATOS, Eva. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Métodos de alfabetização no Brasil: uma história de disputas**. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008.